

O Douro entre o monte do Prado do Bispo e a Serra do Pilar

O DOURO, SUAS BELLEZAS E CONTRASTES

São bellos e deliciosos todos os grandes rios do Minho, porém cada um se differença e sobresae por alguma feição caracteristica, por algum genero de belleza que lhe é particular.

Distingue-se o rio Minho pelos bosques cerrados, e pelos castellos antigos e praças de guerra que se erguem nas suas margens.

O Lima sobreleva nos prados amenos que o debruam, nas soberbas pontes que o atravessam, nas torres ameiadas, antigos solares da nobreza, nas casas de architectura gothica, e nas capellas com suas torres coroadas de cupulas no estilo oriental, que se espelham na corrente, ou parecem espreitar por entre a ramagem dos arvoredos, que os cercam e quasi escondem, ou trepam pelas visinhas encostas, ou campeiam sobre os oiteiros.

O Cavado não se ufana de que o cortem pontes romanas, nem tem d'esses solares torreados, que nasceram com a monarchia, nem d'esses palacios de janellas ogivaes, que venham mirar-se nas suas aguas. Porém, nas mil voltas que descreve n'um paiz accidentado, todo coberto de verdores, nas veigas graciosas que vae banhando, nos antigos mosteiros de Tibaes e de Villar, que de perto o namoram, mostra certo aspecto particular de risonho enlêvo.

Dão graça especial ao Ave as suas cascatas naturaes, a estreiteza do seu leito, ora assombrado por arvores seculares, ora apenas guarnecido de penedos de fórma circular, e o antiquissimo mosteiro de Santo Thyrso, elevando aos ares suas torres pyramidaes entre os bosques frondosos que o circundam, e se inclinam sobre o rio até se banharem nas suas limpidas aguas.

O Douro tem uma physionomia inteiramente sua na belleza dos contrastes. Aquelles quadros naturaes, aridos, agrestes, horriveis, a par das scenas da natureza mais aprazíveis e amenas, mais cheias de viço e de matizes variados, só o Douro os apresenta. N'esta sorte de bellezas nenhum de seus irmãos póde competir com elle.

Podiamos citar muitos logares do longo curso d'este rio, onde se ostenta com toda a magestade aquella

grandiosa feição que o caracterisa. Bastará, porém, para fundamento da nossa asserção, que citemos dois logares mui conhecidos na visinhança da cidade do Porto: as serras da Arrabida e do Pilar.

O viajante que entra a barra do Douro sente logo as mais agradaveis impressões, estendendo a vista, primeiramente sobre a povoação da Foz, meio debruçada sobre o rio, meio sentada ao longo das praias do Oceano, encostando-se a collinas, que lhe fazem touca com a folhagem dos seus arvoredos; depois, de um lado, sobre a alameda do Oiro, a cuja sombra se construem navios, e lida uma população industriosa; do outro lado, sobre os bosques espessos de Sampaio, que estão cercando, como o caixilho ao painel, a linda casa gothica e acastellada do sr. Anthero Albano da Silveira Pinto.

Pois quando os olhos mais se enlevam n'estas risonhas paizagens, vem cortal-as de improviso, na margem esquerda arida e agreste montanha, na direita a serra da Arrabida, toda de rocha viva, fragosa, escarpada, e nua de vegetação. Mas logo em seguida, onde as fragas terminam, reassume a natureza todas as suas pompas e galas. De uma parte a alameda de Massarellos, estendendo-se á beira do rio; as florestas de Entre-Quintas, coroando as alturas, e a casaria d'aquelle arrabalde entremeiando-se com a verdura, na planicie e no recosto do monte. Da outra parte os prados e arvoredos de Valle da Piedade, Gaia sentada como em throno no seu gracioso e verdejante oiteiro, e o Candal com os seus copados bosques, e com as bonitas casas de campo que por entre elles alvejam. Depois Villa Nova a mirar-se no Douro, ou a trepar por ingreme ladeira, como a cidade que lhe fica defronte.

Pois é mesmo ahi, junto d'essa paizagem, tão linda e animada, que se levanta de novo inhospita massa de rochedos graniticos, apertando de ambos os lados, em estreita garganta, o alveo do rio. Ao sul é a serra do Pilar, com a sua coroa de ruinas historicas, e com o seu dorso eriçado de penhas denegridas até se mergulhar nas aguas. Ao norte é a escarpada e tambem negra penedia do Prado do Bispo, com suas humildes casas como penduradas das rochas, e avultando na parte mais alta o grande edificio destinado para seminario episcopal, e caido em ruinas antes de estar acabado.

É um espectaculo maravilhoso ver estas asperezas e fragosidades, accumuladas em abbreviado espaço, separando, como bastidores no theatro, os mais formosos panoramas que se podem desejar para doce enleio da vista e arrebatamento da alma. Porquanto, se atraz do espectador ficam os quadros que mal esboçámos, ricos de galas naturaes, e animados por duas grandes povoações, o painel que se patenteia aos seus olhos por entre aquellas rochas alterosas, é sobremaneira bello e encantador. O Douro alarga-se e espraia-se brandamente por cima de prados viçosissimos, retratando na sua lisa superficie as arvores que fazem cercadura aos campos, as aldeias de Quebrantões, de Campanhã e de Valbom, edificadas na planicie, ou nas encostas dos oiteiros, sob a copa de annosos carvalhos e castanheiros; e mais longe, lá no fundo, vistoso amphitheatro de montes e serras, aquelles cobertos de verdores que se entremeiam de casas a alvejar, e as serras azuladas pela distancia até se perderem no espaço.

É este panorama, que a nossa gravura representa, visto de noite, e frouxamente alluminado pelos resplandores pallidos da lua, que se projectam com maior vigor e mais brilho n'aquella estreita garganta, onde a negrura das fragas imprime nas aguas a sua triste côr.

Se se observar com meditação esta variedade de effeitos, em que o agreste faz sobresair o ameno, em que o escuro aviva os matizes, em que as sombras dão mais brilho á luz, parecerá que mão de artista collocou alli aquellas rochas escabrosas para o effeito dos contrastes, que são em a natureza, como na vida humana, o realce de todas as bellezas e de todos os bens.

I. DE VILHENA BARBOSA.

VICTOR HUGO

(Vid. pag. 21)

V

A academia franceza declarou, em 1817, que adjudicaria o premio da poesia a quem apresentasse a melhor obra ácerca da «Felicidade que proporciona o estudo nas differentes situações da vida».

Victor Hugo teve, no collegio, noticia d'este concurso litterario, e disse para comsigo que lhe era mister apresentar-se n'elle. Não encontrava difficuldade em fazer os versos; o obstaculo estava em que alguem o dirigisse ao templo da sabedoria. Este obstaculo havia de vencer-se. Contava com isso.

Antes, porém, de revelar o seu proposito, Victor fez 320 versos para o concurso da academia.

Entre elles se encontram os seguintes, que reproduzimos textualmente aqui [1], porque servirão de estimulo á mocidade, e porque são uma especie de singela confissão do amor que o poeta dedicava ao estudo:

Quand la fraîche rosée, au retour de l'aurore,
Tremble encor sur le sein du lys qui vient d'éclore,
Quand les oiseaux joyeux célèbrent par leurs chants
L'astre aux rayons dorés qui féconde nos champs,
Mon Virgile à la main, bocages verts et sombres,
Que j'aime á m'égarer sous vos paisibles ombres!
Que j'aime, en parcourant vos paisibles détours,
A pleurer sur Didon, à plaindre ses amours!
Là, mon âme, tranquille et sans inquiétude,
S'ouvre avec plus d'ivresse au charme de l'étude:
Là, mon cœur est plus tendre et sait mieux compatir
A des maux... que, peut être, il doit un jour sentir!

....

Étude, à mon esprit montre de vrais héros
Qui ne dédaignent pas d'être ce que nous sommes,
Et qui ne sont héros que parce qu'ils sont hommes.
......Quelle main courageuse
Dirigera ma nef sur la mer orageuse?
Étude, tes leçons y soutiendront mon cœur;
Grâce à toi, des écueils je sortirai vainqueur.
C'est toi qui, des pervers me peignant l'âme ingrate,
Me diras: «Dans les maux sache imiter Socrate;
Vers austère devoir suis les pas de Platon,
Et, s'il te faut mourrir, mon fils, songe à Caton.
Ainsi, te rapprochant de la vertu suprême,
Tu te rendras heureux au sein du malheur même».
....
L'étude, me montrant Zénon et sa vertu,
Rendra son énergie à mon cœur abattu,
Et j'oserai, tout fier de suivre un tel modèle,
Flétrir du vice impur la gloire criminelle.

....

Il me reste mon cœur; il me reste l'étude.
L'étude, ah! ce nom seul me devrait consoler.

Terminado o poema, Victor foi entregal-o ao Instituto em companhia de um moço professor, a quem a final confiára o segredo, para ter afoiteza de levar ao cabo a arriscada empreza. Na secretaria do Insti-

[1] *Victor Hugo raconté*, tom. I. pag. 377 e 380.

tuto soube que já tinha alli dado entrada o trabalho de quatorze concurrentes.

Na carta que acompanhava o poema, Victor Hugo não só declarava o nome, como determinava o programma, senão tambem no poema dizia a edade. Era então secretario perpetuo da academia o sr. Raynouard, distincto philologo e poeta, cujas obras ainda são hoje estimadas em França.

Findo o concurso, o secretario participou que o Instituto votára menção honrosa para o poema, que porventura mereceria o premio se não fôra a edade. Os membros da academia julgaram tão apreciaveis os versos, que não quizeram acreditar na declaração do poeta. Figurava-se-lhes impossivel tão immenso talento em tão verdes annos.

O relatorio dos immortaes confessou-o. N'este documento encontram-se as seguintes palavras: «*Si véritablement* il n'a que cet âge, etc. (quinze annos)». [1]

Os jornaes registaram o successo litterario de Victor Hugo, e os proprietarios do collegio, Cordier e Decotte, na sua fragilidade, curvaram a fronte ao sol que raiava, e reconheceram o triumpho.

Era porque o discipulo já nobilitava o collegio. A gloria anniquilava a inveja.

N'essa epocha dizia, ou escrevia Victor nos seus cadernos de apontamentos, que «*havia de ser Chateaubriand où nada*».

Tal era a força de animo e vontade que encontrava em si, e com a qual se ia preparando para a futura lucta.

VI

No mesmo anno 1817, o poeta escreveu *Bug-Jargal*, romance que os seus adversarios, quando mais tarde se deu á estampa, qualificaram como triste plagiato de Walter Scott, o celebre novellista escocez.

Vejamos as circunstancias que antecederam a composição do romance.

Reunia-se um grupo de mancebos no principio de cada mez para jantar em casa de pasto. Esses mancebos applicavam-se ao tirocinio litterario, mas com distincção. Á frente d'elles via-se o irmão mais velho do poeta, Abel, e depois tambem o proprio Victor Hugo.

No principio dos mezes, os estudiosos mancebos apresentavam os seus trabalhos, e todos se divertiam com as leituras, aconselhando-se mutua e fraternalmente. Um dos convivas lembrou-se, em certa occasião, de propor que se fizesse um livro no qual todos collaborassem. A proposta foi approvada, e Victor Hugo fixou em quinze dias o praso para se escrever um romance.

O praso assustou os convivas. Mas o poeta insistiu declarando que, se os seus companheiros não cumprissem o ajuste, elle havia de ser pontual como sempre.

Decorreram os quinze dias.

Findos elles, Victor Hugo appareceu aos seus amigos com o *Bug-Jargal*.

Em 1818 quiz entrar outra vez nos concursos da academia franceza, que dera para premio assumpto relativo á «instituição do jury». A academia, que parecêra adversa, com inalteravel pertinacia, em estimular os novos genios que poderiam offuscar a sua immortal gloria, d'aquella vez nem sequer votou a menção do trabalho de Victor Hugo.

Não indignado, nem desalentado, mas desejando alcançar um premio em certame litterario, para desaggravar-se da injustiça dos immortaes, o poeta voltou-se para a Academia de Tolosa, e escreveu duas odes: as *Virgens de Verdun* e o *Restabelecimento da estatua de Henrique* IV, as quaes odes entraram no concurso dos «Jogos floraes». [1]

A primeira ode foi premiada com o amaranto de oiro, e a segunda com o liz de oiro. [2]

No referido anno, os filhos do general Hugo saíram do collegio Cordier.

Victor tornou a frequentar assiduamente a casa do sr. Foucher. D'esta vez revelou-lhe o coração que a sympathica belleza, a rara sinceridade, e os outros dons que realçavam as qualidades da menina Adelia, filha do seu antigo amigo, não podiam deixar de captival-o, e sentiu-se inteiramente vencido pela preferencia que não se lhe occultava. Mas os paes conheceram o perigo, porque as edades reunidas das duas crianças ainda não perfaziam trinta annos, e porque ambos eram pobres, e deixaram de visitar-se. «Séparons-les, dirent les familles; si leur affection persiste, ils sauront bien se retrouver plus tard». [3]

E assim tinha de acontecer. A chamma sagrada de um nobre sentimento não podia, comtudo, extinguir-se em Victor Hugo.

(Continua) P. W. de Brito Aranha.

[1] *Victor Hugo raconté*, tomo I, pag. 383.

NOS SALGUEIROS

(TRADUZIDO DE VICTOR DE LAPRADE)

Gósto de estar debruçado
sobre o liquido cristal;
e da aguia ao ninho ousado
prefiro um ninho isolado
entre o verde salgueiral!

Gósto de ver a ramagem
limpido lago beijar!
É-nos mais doce a paizagem,
quando lá sob a folhagem
cantam as aguas e o ar!

Sem ter lagos cristallinos,
os campos só tedio inspiram;
como os rostos peregrinos,
em cujos olhos mofinos
nunca as lagrimas fulgiram!

Collina, a mais verdejante,
sem nas aguas se mirar,
é como alma delirante,
que não tem, aberta e amante,
outra que a possa espelhar!

Tirem as ondas ao mundo!
e o mundo não tem pupilla!
reina o mysterio profundo;
e dos seus valles no fundo
nunca mais o ceo scintilla.

Se uma idéa vaporosa,
bate as azas, quer voar,
prazer, dor mysteriosa,
meigo aroma d'uma rosa
que anceia por se exhalar:

Se a saudade te devora,
se tens um desejo vago,
se visão encantadora
na tua alma ri ou chora,
vae sentar-te junto a um lago.

[1] A Academia de Tolosa, fundada em 1323, e engrandecida por Luiz XIV em 1695, distribuia annualmente, como premio ás poesias, um amaranto, uma violeta, um liz ou uma rosa de oiro, e um girasol de prata. E por isso deram as denominações de «*Jogos floraes*», ou «*Festa das flores*», aos concursos litterarios que alli se verificavam a 3 de maio.

[2] *Victor Hugo raconté*, t. I, pag. 414.

[3] *Idem*, pag. 417.

Escuta, se o lago canta,
vê, se dorme, o que elle esconde!
espelho, em que o azul te encanta,
meiga voz, que alli descanta,
sempre a onda te responde!

No campo a andorinha inquieta
páira; a aguia vôa aos ceus;
do bosque a rôla é dilecta;
porém o meigo poeta
e o cysne, ó lago, são teus!

Gósto de estar debruçado
sobre o liquido cristal;
e da aguia ao ninho ousado
prefiro um ninho isolado
entre o verde salgueiral!

M. Pinheiro Chagas.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

(Vid. pag. 29)

FORTALEZAS E LINHAS DE DEFESA DA CIDADE

TORRE DE S. VICENTE DE BELEM

Este esbelto e formoso specimen da architectura militar no fim do seculo XV é um dos primeiros objectos que attrahe a attenção e captiva a curiosidade do estrangeiro que entra a barra de Lisboa.

Encontra-se em varios auctores nacionaes, e muita gente tem por verdade, que el-rei D. Manuel mandou erigir esta fortaleza para proteger o seu mosteiro de Santa Maria de Belem contra os piratas argelinos e tunesinos que infestavam as costas de Portugal, atrevendo-se algumas vezes a devassar o Tejo, commettendo depredações nas suas margens. É um erro, pois que a fortaleza precedeu o mosteiro.

O pensamento e plano d'esta obra pertencem inteiramente a D. João II. A el-rei D. Manuel apenas coube a execução no todo, ou em parte. Querendo aquelle soberano pôr a cidade de Lisboa e seus arrabaldes a coberto de algum ataque imprevisto, não só dos piratas, mas tambem de quaesquer outros inimigos, determinou primeiramente melhorar e augmentar o forte que el-rei D. João I mandára construir na margem do sul do rio, chamado hoje *Torre Velha*. Depois resolveu fundar uma fortaleza, que, cruzando os fogos com aquella, fechasse ao inimigo o porto de Lisboa.

Encarregou D. João II o risco d'esta fabrica a Garcia de Resende, seu moço da camara, e habil desenhador.

Garcia de Resende era irmão do famoso antiquario André de Resende, e, como este, escriptor distincto, pois compoz a chronica del-rei D. João II, obra de muito merecimento, sobre tudo por ser o historiador testimunha presencial de quasi todos os factos que refere. Estimava-o muito el-rei, e comprazia-se a miudo de o ver desenhar, elogiando sempre o seu talento, e mostrando o apreço em que tinha a arte. Uma vez, contando-lhe que seu primo, o imperador da Allemanha Maximiliano I, desenhava com perfeição, confessou-lhe que tinha pena de não possuir esta prenda.

Referimos estas particularidades, porque estamos persuadidos que influiram muito no animo do artista, excitando-lhe o amor proprio, e exaltando-lhe a imaginação, para que produzisse uma obra tão elegante de fórmas, e tão rica de arte.

É opinião geral que el-rei D. João II deixou ao seu successor o encargo de realisar esta fundação, o que elle cumpriu, dando-lhe começo apenas subiu ao throno, no anno de 1495. Entretanto ha escriptores antigos que attribuem o principio dos trabalhos ao reinado de D. João II, dizendo que el-rei D. Manuel não fez mais do que continual-os e dar-lhes remate. D'esta opinião é o auctor da *Historia e descripção do mosteiro de Santa Maria de Belem*, do qual fallámos em uma nota a pag. 35. Em todo o caso, é certo que a maior parte da construcção foi feita em tempo d'este ultimo soberano, como o testificam as cruzes da ordem de Christo, e as espheras armillares que se vêem esculpidas em diversos logares da torre, e que eram as divisas del-rei D. Manuel.

O mesmo Garcia de Resende fez, sem duvida, esta modificação no risco primitivo para lisongear o novo monarcha. E talvez que d'ahi proviesse a pratica, seguida inalteravelmente em todo este reinado, de assignalar os edificios construidos n'essa epocha por meio das divisas do fundador, pois que foi aquella fortaleza a edificação com que se estreiou o governo de D. Manuel. Foi uma feliz idéa tal pratica, porquanto, d'esse modo, ficaram registadas, e ao alcance de todos, as numerosas paginas da historia da architectura portugueza no seu periodo mais importante, quer por assumir um caracter perfeitamente nacional, quer pelas muitas e variadas fabricas que então se levantaram por todo o reino.

Acabada a fortaleza, foi dedicada ao martyr S. Vicente, em memoria da entrada do seu corpo pela foz do Tejo, reinando D. Affonso Henriques. Depois fez mercê el-rei D. Manuel da capitania d'ella a Gaspar de Pavia.

Serviu por vezes a torre de S. Vicente de Belem de prisão de estado. Governando Portugal Filippe II de Hespanha, n'ella foi encarcerado, e ahi morreu, por ter seguido o partido do prior do Crato contra Castella, D. Pedro da Cunha, fidalgo mui distincto, e pae de D. Rodrigo da Cunha, que foi bispo do Porto, depois arcebispo de Braga, e ultimamente de Lisboa.

No principio do reinado de D. João IV, em 1641, alli foram levados prisioneiros, como complices na conjuração tramada para entregar de novo o reino a D. Filippe IV de Hespanha, o duque de Caminha, D. Miguel de Noronha; o marquez de Villa Real, D. Luiz de Menezes, seu pae; o arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos Noronha; o bispo de Martyria, D. Francisco de Faria, coadjuctor do arcebispo de Braga; o bispo inquisidor geral, D. Francisco de Castro; fr. Luiz de Mello, bispo eleito de Malaca; o conde de Valle de Reis, D. Nuno de Mendonça; Mathias de Albuquerque, general, governador do Alemtejo; e outros mais. Os dois primeiros foram depois degollados na praça do Rocio, juntamente com o conde de Armamar, e D. Agostinho Manuel de Vasconcellos. Os dois immediatos morreram ao diante em diversas prisões; e os quatro ultimos obtiveram a liberdade, justificando-se.

Com o progresso das sciencias militares, tornou-se quasi nulla a torre de Belem para a defesa do porto. Por esta consideração na lucta do principio d'este seculo com os francezes, construiu-se junto da torre o *forte do Bom Successo*, e, infelizmente, querendo-se adaptar o monumento manuelino ao serviço da guerra, fizeram-lhe extraordinario destroço nos seus principaes ornamentos. Mutilaram, reduzindo a meia altura, as ameias e guaritas que cercam a bateria superior; edificaram na plataforma d'esta bateria uma casa de dois pavimentos para quartel da guarnição, obstruindo assim quasi todo aquelle espaçoso eirado; desfizeram as pyramides e mais ornatos das grades de pedra que circundam a grande abertura que está no centro d'aquella plataforma, e que dá luz para a bateria inferior; e taparam com alvenaria os sete arcos da varanda do primeiro andar da torre, bem como a maior parte das janellas dos outros andares.

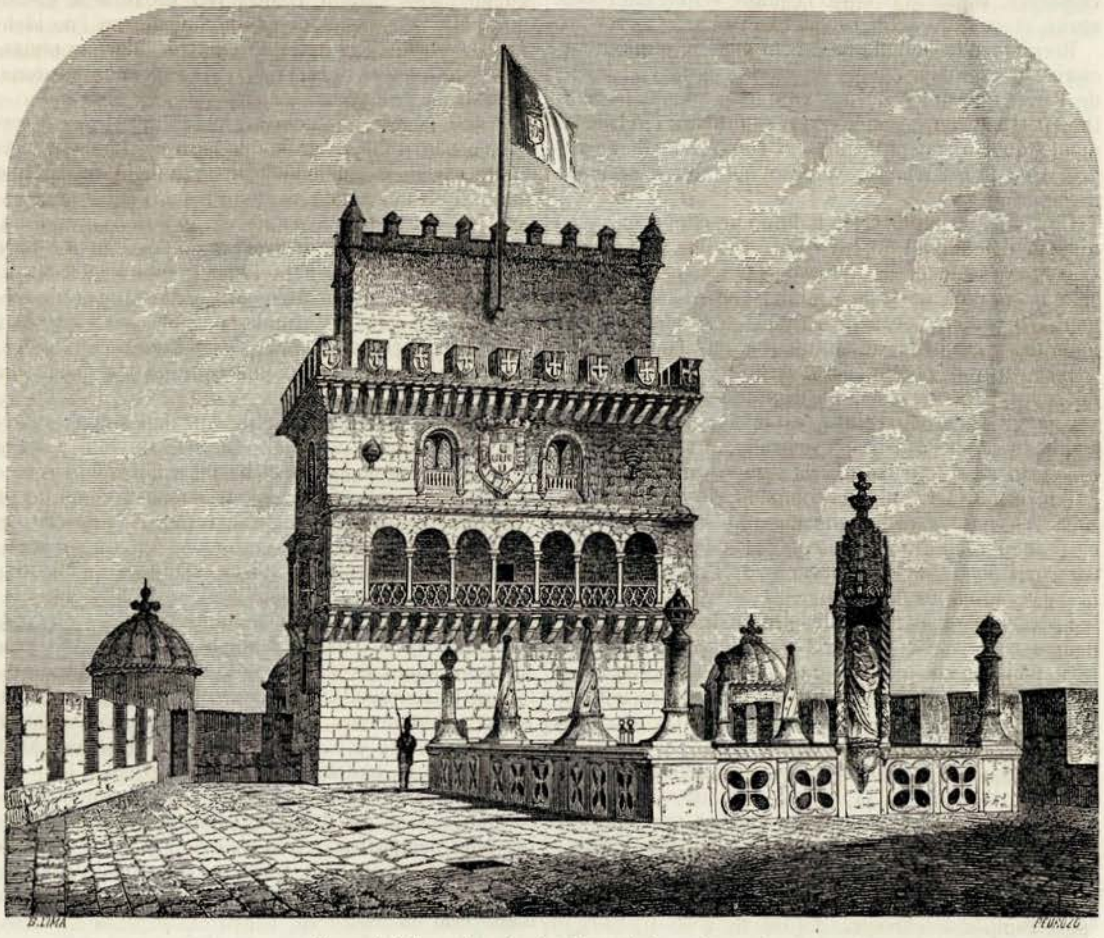
Por longos annos esteve mascarado e affrontado, com esses remendos caiados, o monumento que o engenho poetico de Garcia de Resende ornára com tantas galas da architectura gothica.

O immortal cantor de Camões, em um assomo de indignação, por ver o modo como entre nós se injuriam as artes, e se desprezam os padrões da glo-

ria nacional, exclama, fallando d'aquella fortaleza: «É o primeiro edital que está logo á entrada de Lisboa, para dizer ao estrangeiro que chega: — aqui moram barbaros. O bello monumento da torre de Belem está, com effeito, litteralmente desfigurado pelas superfetações de moderna e vulgar architectura, do mesmo modo que estão viciadas e inintelligiveis todas ou quasi todas as antigas e venerandas reliquias da antiguidade em Portugal».

Houve, em fim, por fortuna, quem se doesse d'esta grande vergonha que pesava sobre Lisboa. Em 1845, por diligencia do marechal do exercito duque da Terceira, governador da torre, deu-se começo á restauração d'esta, a qual se levou a cabo com muito acerto e bom gosto, restituindo-se tudo á sua fórma primitiva.

O governo da torre de S. Vicente de Belem foi sempre confiado a um militar distincto por nascimento ou serviços, porquanto, além de ser considerado um cargo muito honorifico, era ao mesmo tempo emprego muito rendoso, pois que todos os navios que saíam a barra, qualquer que fosse a sua lotação, pagavam a propina de 3$800 réis, sendo 1$600 para o governador, e o resto dividido pelos outros officiaes e praças da guarnição. A parte d'este imposto recebida annualmente pelo governador orçava-se em tres contos, pouco mais ou menos, os quaes elle accumulava, como gratificação, ao soldo da sua patente. E como esta era, de ordinario, de general, aquelle governo



Torre de Belem vista da plataforma da bateria superior

ficava sendo um dos mais pingues cargos do reino. Os outros officiaes do estado maior da fortaleza tambem recolhiam por anno um bom quinhão, segundo os seus empregos e graduações; de sorte que o seu despacho para alli era considerado egualmente como recompensa de serviços. Ás praças de pret apenas lhe tocavam n'esta partilha sete réis por cada embarcação saída.

Em 1833 foi abolido o imposto por decreto do sr. D. Pedro, duque de Bragança, e regente do reino, e, por conseguinte, acabaram aquellas propinas. Porém, querendo o mesmo principe dar mais uma prova da gratidão nacional ao illustre general, que tão grandes serviços prestára á causa da liberdade e do throno de sua augusta filha, deu o governo da torre de Belem, com uma pensão annual vitalicia de dois contos de réis, ao marechal duque da Terceira, que a desfructou até á sua morte, acontecida em 1860.

Além de todas estas vantagens, tinham os governadores da torre um palacio para sua residencia, com bastantes commodidades, e lindamente situado sobre a praia do Bom Successo, junto ao Tejo, e quasi em frente da torre. Tendo acabado, pela morte do duque da Terceira, o governo superior d'esta fortaleza, foi o palacio vendido pelo estado, e comprado pelo sr. marquez de Vianna.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

ESCHOLA CASAL RIBEIRO [1]

CARTA DO SR. A. F. DE CASTILHO AO REDACTOR DO ARCHIVO PITTORESCO

Meu velho amigo Tullio: — Restituo-vos a prova do relatorio, do admiravel relatorio, do nosso Carlos José Caldeira.

Quando vol-a pedi não foi só para me regalar, pri-

1 Vid. a advertencia a pag. 47 do num. anterior.

meiro que os demais leitores do nosso *Archivo*, com as instructivas noticias e judiciosas observações contidas n'aquelle papel, que eu escutára com a maior attenção no acto solemne da eschola Casal Ribeiro, em 13 de março proximo findo, e que, por isso mesmo, dobrado empenho tinha em analysar detidamente; desejava, sobre tudo, que tal documento não saísse desacompanhado d'um testimunho solemne da minha adhesão ás suas doutrinas, e do meu cordial agradecimento, já para com o auctor, já para com tantos outros amigos que n'aquelle dia me opprimiram com os seus louvores, até ao ponto de me deixarem mudo.

E depois de tão bons propositos falto ao que a mim proprio promettêra. Que importa? O espaço que eu vos deixar devoluto no *Archivo*, sei que o haveis de empregar, segundo o vosso costume velho, em coisas muito uteis e de geral sabor.

Recommenda aquelle meu bom mestre, e muito auctorisado exemplar e conselheiro de moralistas, Julien de Paris, que antes de nos pormos a qualquer trabalho, pequeno ou grande, nos perguntemos cuidadosamente qual o seu proveito: *cui bono?* Excellente regra. Que prosperrima revolução no mundo se todos a seguiramos!

Ora eu, que tanto creio hoje no prestimo real, omnimodo e infallivel do *cui bono*, maxima que só por si contrapesa todos os livros de bom conselho, tinha sido na pratica de toda a minha vida, não sem vergonha o confesso, e bem o sabeis vós, um dos seus mais despropositados e contumazes infractores.

Doze lustros, porém, perto de treze, eram já tempo de sobra para me deter no caminho errado que não vae parar senão em ruinas, e tomar pela boa senda, arrimado ao bordão da experiencia, e com a lanterninha do meu Julien de Paris sempre diante.

Que ia eu fazer? alguns commentarios a meu modo sobre os factos e dados que nos ministra o conscienciosissimo relatorio do nosso Carlos José Caldeira... mas, *cui bono?* de que servia isso? Eram mais algumas prégações no deserto.

Instrucção popular, verdadeira instrucção popular, e logo com as suas naturaes applicações, que aliás para nada presta (e se alguns fructos dá serão antes venenosos que prestadios), n'uma palavra, eschola civilisadora de vez, vê-se claramente que a não querem, ou não a sabem querer por ora.

Não digo que se lhe opponham e a repulsem; esse extremo da barbarie já lá vae; mas dão-lhe apenas meia attenção e um quarto de amor, o que tudo espremido e apurado equivale a nada ou quasi nada!

Que progredimos não ha duvida; mas tão devagar, tão devagar, que mal o percebem os observadores mais attentos.

Já passámos as mais geladas e espessas trevas da antemanhã; mas o arrebol do dia novo anda por ora tão indeciso!... Ha um ou outro passarinho madrugador, d'estes que parecem ter ido buscar lá muito em cima, e em primeira mão, a sua fé, que, se ainda se não atreve a cantar as alvoradas, já cuida ver verdejar e clarear, e já pipilla á gente do trabalho a ver se a acorda. Mas essas aves de bom agoiro, ou bom annuncio, poucas são, e nada podem para accelerar a claridade creadora.

Está provado que o mundo se não apressa por se impacientarem os nossos desejos. Nenhum botão se torna fructo sem primeiro crescer a pouco e pouco, abrir, córar, explicar-se em flor, desenvolver orgãos, fecundar-se e fortalecer-se. É uma lição que a natureza nos dá todos os dias, de toda a parte, por todos os modos.

E eu sem ter reparado n'ella! eu a cuidar para mim, e para os meus trabalhos, que bastaria mostrar a bondade intrinseca de uma coisa, e a sua conveniencia, para que instantaneamente lhe quizessem, e a quizessem todos! Foi um grande erro, e summa ignorancia da historia; tenho-o pago.

Maturam-se talvez fructos, e envelhecem-se vinhos artificialmente; mas não assim as grandes verdades sociaes; essas não arribam de utopia a facto, senão após um largo praso de successivas acquisições, assimilações, e transformações. Quem m'o tivera sabido ha quatorze annos!

Mas tambem n'isto que eu ia a dizer agora, eu desarrazoava. Quem me diz a mim que d'esses quatorze annos de trabalhos apparentemente baldos, de luctas sem victoria por então visivel, de amarguras sem desconto nem consolo, de esforços generosos por uma parte, de covardias e brutalidades por outra, por outras, e por muitas, não entravam como ingredientes providenciaes para a composição de futuros menos ruins, que eu, profundamente confiado na Providencia, espero de fé, e que, se em vida me não chegarem, continuarei a esperar, então já mais paciente, debaixo da pedra?

O que porém no meio de tantas incertezas é certissimo para mim, e creio que para vós tambem, pois tendes vivido e pelejado a vossa milicia no mesmo mundo que eu, a isto se reduz: que nem os que sabem ler, e governam, e dirigem, e podem muito, curam, como devem, da instrucção do povo, nem o povo a cubiça, a aprecia, nem lhe suspeita sequer a utilidade: é uma divida millenaria dos grandes aos pequenos, que nem os grandes pagam, posto que já a confessem, nem a maioria dos pequenos reivindica, e nem mesmo acceita o poucochinho que por conta se lhe offerece.

É pois um mal complexo de dois males quando menos. O tratamento é difficilimo, sem duvida, e cheio de perplexidades. Como se ha de acudir efficazmente á atonia e somnolencia dos poderosos? como se ha de acudir á cegueira, incuria, e preguiça dos necessitados, que nem reconhecem que o são? Eu por mim, depois de muito pensar n'isto, confesso que já não sei que vote ou aconselhe.

No meu pobre livrinho de sonhador — *A Felicidade pela Instrucção* — lembrei quanto me parecia digno de ser pelo menos experimentado. Desde a persuasão religiosa e amoravel até ao rigor, tudo me pareceu dever-se recommendar, para que a plebe, com vontade ou sem ella, se deixasse domesticar e instruir. Nada se fez nem se tentou.

Pedi que se adoptasse o ensino elementar attractivo e rapido, se o havia, como realmente havia e ha, bem demonstrado pela experiencia; e se d'elle se não estava ainda bem certo, se tratasse de o verificar, e, verificado, se impozesse obrigatoriamente ao magisterio official.

Pedi que a todo o custo se abrissem as mãos com largueza, para se terem mestres primarios idoneos, independentes e zelosos, e casas de eschola, formosas, saudaveis e convidativas, em harmonia com a amenidade dos methodos, e com a religiosa suavidade dos mestres novos que por elles professassem; mostrei o como, para maior e total facilitação do aprender para todos, não só se deviam generalisar os cursos dominicaes e nocturnos, mas tambem as escholas ambulantes. Apontei como os prasos dos trabalhos escholares se deviam fazer coincidir com os prasos de maior folga das lidas rusticas ou industriaes, peculiares a cada povoação; e, como estes, mil outros remedios bons ao menos para serem experimentados, sem exceptuar o rigor obrigatorio, tão energicamente pedido por vós n'aquelle bello improviso, que todos vos admirámos no grande dia dos premios da eschola Casal Ribeiro.

Em summa, de todas as questões de substancia ou de fórma, intrinsecas ou extrinsecas, relativas á arroteação intellectual e moral do povo, e do modo de

se aproveitar depois para grandes e immensos fins de felicidade publica, a sciencia do ler e do escrever, nada, cuido eu, se poderá já alvitrar, que eu não deixasse ao menos apontado, ou n'esse mesmo opusculo, ou na *Felicidade pela Agricultura*, ou no minucioso officio dirigido ao ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, e publicado no *Diario official*, em refutação de certo parecer de professores contra o *Methodo Portuguez*, officio que reunido fundiria um bom volume; e já não fallo de muitos outros escriptos com que ha tantos annos solicito de reis, de ministros, de magnates, de opulentos, de associações, de parlamentos, de corpos municipaes, de prelados, de commandantes militares e da armada, de todos em fim, a instrucção em que todos deveramos espontaneamente e á porfia trabalhar.

Com tudo isto porém, bem o sabeis, e bem vos doe tambem a vós, pouco se tem logrado.

Os que só olham as coisas pela rama, não fazem fim de encarecer a quantia de escholas novas que se fundam de dia a dia por todo esse reino.

Bom é, não ha duvida, que as povoações carecentes de escholas se lembrem já de as pedir; que as respectivas auctoridades abonem e apadrinhem o requerimento; que este seja favoravelmente consultado pelo conselho de instrucção publica, e pelo governo deferido. De todo o dinheiro esperdiçado, ou quasi, o menos para se chorar será sempre o que assim se despender; ao menos são reconhecenças de vassallagem a um principio santo; mas, verdade verdade, a multiplicação das escholas materiaes só per si bem pouco val, se por ventura val alguma coisa. São capellinhas de almas fundadas em charnecas por beatos mendicantes, mas onde não ha festa, nem lampada, nem ermitão zeloso, nem sineta que chame. A crendeirice dos rusticos bem poderá pregoar sob a fé authentica de milagres pintados em taboinhas por algum Raphael da aldeia, que vão saudar de longe aquelle tectosinho encarnado, e, passando por lá, lancem devotamente algum cobre no gazophylacio; não digo que não, mas digo só que não espero de taes capellas nem grandes curas para enfermos, nem allivios para as esterilidades, nem estimulos para a verdadeira devoção. O unico beneficio terá sido dar-se de comer, ainda que pouco, ao ermitão.

Trato d'isto assim, meu amigo, porque taes começos de reforma não são nem podem ser serios.

Que são escholas sem ensino? que é ensino sem mestre? que é mestre sem methodo nem congrua?

Quanto mais não valeria do que dez e vinte escholas nominaes, fingidas, antipathicas aos paes, odiosas aos filhos, immoraes por muitos modos, e que em annos e annos quasi nada ensinam, uma só eschola bem frequentada, bem regida, bem contente, bem fecunda!

São as d'esta especie que hão de convencer o vulgo de que o aprender é util, agradavel, e facilimo; em quanto aquell'outras, as de que nós inçâmos as provincias, só valem para confirmar cada vez mais a plebe na sua aversão hereditaria para com o que nós lhe chamâmos, no nosso estilo artificioso, fontes do saber, mas em que elles com o seu pingue bom senso natural não descobrem, por mais que abram os olhos, senão poços, ou seccos ou salobros, que não prestam para beber nem para regar, e onde pelo peso dos baldes e emperrado das roldanas, é menos a agua que se tira que a que se sua.

Em fim esperemos. Atraz de tempos tempos vem. Já se gosta de ir instituindo umas coisas que tem o nome de escholas. D'aqui a alguns annos poderá ser que se criem escholas verdadeiras.

E não sejamos pessimistas: para lá caminhâmos nós. Por bastantes signaes e bem claros se reconhece.

A eschola normal primaria de Lisboa, que tem de crescer como gigante, mas nasceu já adulta, é um alfobre de bons mestres, adestrados theorica e praticamente nos bons methodos. São outros tantos apostolos das sãs doutrinas, que de anno para anno se hão de ir espalhando pelas terras de Portugal, convertendo e convencendo com os milagres de que possuem o dom, e apparelhados pelo amor e pela fé, até para o martyrio se preciso fosse.

Possam tão boas fadas, como as que assistiram á fundação d'este uberrimo seminario, fadar tambem á hora do nascimento a não menos, antes muito mais importante, eschola normal primaria feminina, que sempre é para a instrucção popular o viveiro das aves mães.

O que já são, e o que tacitamente promettem os alumnos mestres do normalissimo instituto de Marvilla, reconhecem-n'o todos que o visitam, e temos nós tido occasião de o verificar nos exames e na festa da eschola Casal Ribeiro.

A eschola Casal Ribeiro é outra manifestação incontestavel de que se está providencialmente operando um progresso real no assumpto que nos occupa e nos desvela. Que facto! que exemplo! que incentivo!

Morre uma grande mulher, tão mimosa da fortuna como da natureza, e logo das proprias cinzas renasce mãe. O herdeiro do seu sangue, do seu nome, e das suas virtudes, ergue-lhe por mausoleo uma eschola feminina, planta-lhe um cypreste immortal destinado para um immenso ninho, escora-o com esteio de oiro, põe-lhe por guarda e vigia outro espirito, outro amor, em tudo egual do seu amor e do seu espirito; e, não pago com tudo isto, continúa de anno a anno e de dia a dia a proteger com o seu mais entranhado carinho aquelle verdadeiro berço de mysteriosos futuros, duas vezes santo: assente sobre um sepulchro de todos venerado, e cingido de saudades que não tem de morrer nunca.

Lembrado estareis, meu Tullio, do alvoroço com que eu festejei aquella fundação na carta com que em nome da associação promotora da educação popular agradeci ao illustre fundador tanto a rara obra, como o exemplo edificativo. Aquelle meu enthusiasmo para com elle, em vez de se cançar com o correr dos annos, não tem feito senão crescer; e as razões por quê, lá as tendes vós archivadas nos relatorios do zelador, do economo, do genio vivificante da eschola Casal Ribeiro, o nosso bom Carlos José Caldeira.

Que homem tambem este! que modesto operario do porvir!

Não apparecer já em cada freguezia rural um pelo menos como elle! Poderá ser que ainda appareçam; nem só os maus exemplos hão de ser contagiosos. Continuae vós a semear pela imprensa essas noticias, que nem toda a semente ha de ser pisada ou comida.

Ha, louvado Deus, muitos ricos por esse Portugal, muitos fidalgos, muitos parochos, muitas senhoras sem filhos e com haveres, que, se alguma hora reflectirem no que já é, e no que promette ainda esta amoravel eschola do Beato, bem poderão encher-se de santas invejas, e reproduzil-a para beneficio de seus visinhos.

Recordaes-vos do que nós a este respeito exhortavamos aos ricaços, ha já agora um par de annos, no vosso jornal — *A Semana* — por occasião de certo baile? Tinhamos razão, não tinhamos?

Pois hoje parece-me que ainda mais se deveria martellar no mesmo ponto.

Voltam do Brasil tantos portuguezes endinheirados, e trazem em geral tão acrisolado pela ausencia o amor á terra em que nasceram, que, se vissem, n'estes relatorios sequer, a eschola Casal Ribeiro, talvez se apressariam em applicar antes as suas liberalidades ao ensino dos ignorantes, que a outras muitas obras de misericordia de menos alcance, ou a simplices accessorios do culto externo.

Ora teimae n'isto, e havei-me grande fé; que tudo é licito esperar de uma gente que se lembrou de estabelecer e estabeleceu a *Madrépora*, a mais christã, a mais rara, a mais auspiciosa de todas as associações do nosso tempo.

Se algum d'esses homens serios, depois de edificar na sua aldeia a sua casinha nova, muito conchegada e muito vistosa, dissesse com os botões das suas arvores: «Assim como plantei isto, porque não hei de plantar uma eschola? Assim como isto para fructear, primeiro me florece, por que não ha de a eschola ser tambem amena e deliciosa para dar maior proveito? Quero eu tambem á minha parte mostrar a quem governa que um ensino sympathico e perfeito, mette no escuro a uma duzia de sanzalas de escravosinhos brancos, onde o que só abunda são os castigos, d'onde o que só se aprende é odio ás lettras, e preguiça!» E depois, tudo está em principiar.

O primeiro abastado que tal fizesse, não só perseveraria por muito seu gosto, e muitissimo abençoado, senão que teria a gloria de ser imitado de muitos outros, e a final a de ver tambem mais cedo convertidos os superintendentes da instrucção publica.

Os serões provincianos são tão vasios, os do inverno, sobre tudo, tão aborridos e bocejados, que uma boa eschola nocturna, onde se aprende cantando e rindo, dentro em pouco se torna a assembléa da terra, o seu espectaculo, e o seu brazão, afamado nos logarejos circunvisinhos.

Que o diga, entre outras, a eschola com que o parocho de Arganil tanto civilisou e moralisou a sua freguezia.

Ora, por este e outros factos de escholas boas fundadas, e mantidas por diligencias e á custa de particulares de claro entendimento e grande coração, é que eu digo, e provo, que se officialmente progredimos pouco em instrucção elementar, sempre por outras vias cá nos vamos adiantando.

O signal, porém, mais evidente de ser isto assim, tivemol-o nós, meu amigo, n'aquella propria sessão solemne em que foi lido o relatorio.

Era n'um domingo, e de bom sol, após tão enfadonhas invernias, quando os animos folgam de se espairecer e tumultuar; era fóra e não muito perto da cidade; e, comtudo, mais de trezentos devotos e devotas da civilisação enchiam as salas da eschola, achando-se presentes pessoas, em todos os sentidos, das mais conspicuas.

Durou horas o acto, e ninguem antes do fim se retirou, ou se distrahiu. Todos approvavam, e nem sempre tacitamente, os votos e alvitres dos diversos oradores em prol da instrucção popular. Sentia-se que um só e identico espirito animava a todos: que se forcejasse por todos os modos para que o ensino elementar, gratuito, appetitoso, perfeito, e rapido em todo o caso, se multiplicasse, e diffundisse os seus beneficios por aquelles tristes que por ora o desconhecem, o desacceitam e o repulsam.

De oito vozes eloquentes que alli soaram em discursos, que oxalá se tivessem escripto, nenhuma deixou de apostolar, com a vehemencia da convicção, os bons principios; e (permitti-me recordar-vol-o) nenhuma, nem a de Casal Ribeiro, fundador da eschola; nem a do seu director e historiographo Caldeira; nem a de Marianno Ghira, illustrado e zeloso commissario dos estudos; nem a do fervoroso e já tão benemerito fundador da eschola normal, Luiz Filippe Leite; nem a de Francisco Vieira da Silva, prestantissimo presidente da associação promotora dos melhoramentos das classes laboriosas; nem a do nosso incomparavel Mendes Leal; nem a d'aquelle sympathico alumno mestre da eschola normal; nem, finalmente, a vossa, tão cheia de verdade intima e de uncção; — nenhuma de tantas vozes, repito, deixou alli de dar publico e solemne testimunho do que aliás se vê, se palpa, e se não poderia já escurecer: que o Methodo Portuguez é um verdadeiro progresso em todos os sentidos.

Recebei vós, e elles, e todos os que depois na imprensa reiteraram taes pregões, nomeadamente os honradissimos redactores da *Federação*, recebei, amigos sinceros da civilisação, os meus cordiaes agradecimentos. Não é como auctor do Methodo que vol-os tributo (em nenhuma coisa podia ser mais descabido o amor-proprio) é sim, e unicamente, como membro da interessante familia portugueza, cuja felicitação é a mira unica de nós todos.

Não sei, meu optimo Tullio, se não estarei já de muito a abusar-vos da paciencia com estas superfluidades. Não o confessareis, de certo, mas receio-o eu. Vou concluir; e ha de ser para quietação da consciencia de nós ambos, com um alvitre prático, muito facil, e, quanto a mim infallivel, em favor da regeneração da instrucção elementar em Portugal. E, se quereis que vos diga toda a verdade, foi principalmente para vol-o apresentar a vós, e por vós aos vossos leitores, isto é, a toda a gente, que eu me resolvi hoje a escrever-vos.

O meu *cui bono* está aqui.

Posto como fundamento demonstrado, inconcusso e inconcutivel, que o Methodo Portuguez sobreleva intellectual, moral e socialmente a todos os methodos e modos de ensino primario conhecidos entre nós, fica logo axioma, que é pelo Methodo Portuguez, e por nenhum outro, que devem professar os mestres a quem a nação paga para que lhe instruam os filhos.

Dêmos de barato, ou antes de graça, e graça pesada, que se póde deixar aos preceptores publicos a livre escolha de ensinar bem ou de ensinar mal; o que ninguem se afoitará jámais a dizer, é que o instituidor bom e o instituidor mau, o que não corresponde ao fim para que foi instituido, e o que o preenche cabalmente, sejam benemeritos por egual, e devam ser com egualdade retribuidos. O contrario manda claramente a Biblia: *qua mensura mensi fueritis eadem remetietur vobis.*

Renovo, portanto, aqui a proposta que, ha já muitos mezes, dirigi por carta ao exc. ministro do reino Braamcamp:

Não se tire embora o officio, nem se diminua o ordenado aos mestres que se não quizerem sujeitar ao bom ensino; mas aos que o abraçarem, o seguirem, e por elle apresentarem annualmente os resultados que nas escholas reformadas se admiram, augmente-se-lhes o estipendio; e, para maior coroa e incentivo, se lhes outorgue a jubilação com menos annos de serviço do que aos outros.

A proposta é tão exequivel como justa, e tão justa como promettedora de uma prosperrima restauração.

Vamos a ver se pegará d'esta vez. Póde ser. Ao ministerio do interior preside um liberal verdadeiro e grande amigo da eschola.

Os signaes são bons; agora a virtude Deus lh'a ponha. Ajudae-me vós com a vossa penna; talvez facilitareis o milagre.

Segunda resposta á pergunta do nosso Julien de Paris: *cui bono?*

Vêde se insinuaes aos vossos amigos e auxiliares da *Madrépora*, já que tão amigos são de que o povo cá da sua terra se vá instruindo, que fundem elles alguns premios para os mestres bons.

Elles não poderão mais, mas podem, por certo, mais depressa que o governo; em elles dizendo «faça-se», fez-se; em quanto um governo constitucional, com informes, consultas, camaras legislativas, commissões, prós e contras na imprensa, por mais que se apresse, chega sempre tarde.

É a differença que vae do accender com fusil, pedreneira e isca humida, ao *fiat lux*.

Vosso para sempre e como sempre,

Lisboa 24 de abril de 1864. A. F. de Castilho.